

- Treine seus funcionários para dominarem mais de um trabalho.
- Registre e guarde os dados sobre a produção, qualidade e problemas no local de trabalho.
- Garanta que o pessoal da produção faça a primeira tentativa para resolver os problemas, antes do pessoal dos departamentos auxiliares.
- Mantenha e melhore o equipamento e o pessoal existentes, antes de pensar a respeito de novos equipamentos.
- Procure um equipamento simples, barato e móvel.
- Em lugar de apenas uma, procure ter várias estações de trabalho, máquinas, células e linhas para cada produto:
- Automatize paulatinamente, quando não houver outra maneira de reduzir a variabilidade do processo.

Diz ainda R. Schonberger como dar os primeiros passos em direção a ser um fabricante classe universal.

Em vários dos capítulos, o autor apresenta conceitos e exemplos de análise do valor, mencionando-os claramente em alguns, e em outros não, preferindo englobá-los sob o título "Fabricação classe universal".

Na condição de antigo professor de administração de empresas, o autor mostra seu conhecimento nas várias áreas que compõem uma empresa, tanto por meio de bibliografia citada — incluindo nela são só dissertações acadêmicas, como artigos em periódicos, além de livros — quanto pela sua prática de consultor.

R. Schonberger conseguiu, nas 253 páginas de seu livro, numa linguagem direta, bastante agressiva, ressaltar as vantagens do *World class manufacturing*, motivando os leitores diretamente para a ação.

João Mário Csillag
Engenheiro aeronáutico pelo ITA,
doutor em administração de
empresas pela FGV, professor na
EAESP/FGV e consultor na área
de produtividade.

Seattle (Chefe Índio). *Preservação do meio ambiente — manifesto do Chefe Seattle ao presidente dos EUA*. São Paulo, Babel Cultural, 1987. 47p. (Trad. Magda Guimarães Khouri Costa.)

A Editora Babel Cultural, no início de suas atividades, acaba de lançar, numa tradução de Magda Guimarães Khouri Costa e com 20 ilustrações de Vera Rodrigues, o Manifesto do Chefe Índio Seattle. Ele escreveu *Preservação do meio ambiente* em 1855, respondendo à proposta do então presidente dos Estados Unidos da América, Franklin Pierce, que desejava comprar a terra dos índios.

O editor Sérgio Amad Costa informa, na Apresentação, que o Manifesto foi traduzido da versão original, localizada na Seattle Historical Society, em Washington. Fica-se sabendo, igualmente, que o "chefe Seattle nasceu em 1790 e morreu em 1866. Liderou os Duwamish e as tribos Squamish, Saminish, Skopamish e Stakmish, sendo o primeiro signatário do tratado de Port Elliot, pelo qual estas tribos se submeteram às imposições governamentais dos EUA, recebendo, em troca, uma reserva indígena. Cumpre lembrar, também, que a cidade de Seattle, nos EUA, tem este nome em homenagem ao chefe dos Duwamish" (p. 5).

Embora escrito há mais de 130 anos, o manifesto é considerado como um dos mais profundos pronunciamentos sobre a defesa do meio ambiente, sendo de uma atualidade indiscutível. Isto porque chama a atenção para a falta de respeito e de cuidado com a terra e, conseqüentemente, com o equilíbrio ecológico.

Seattle começa sua resposta ao Presidente Pierce afirmando que o seu povo irá considerar a proposta recebida para vender mais suas terras, embora se pergunte: "É possível comprar ou vender o céu e o calor da terra? Tal idéia é estranha para nós. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como podem comprá-los? Cada pedaço desta terra é sagrada para o meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada areia

da praia, cada bruma nas densas florestas, cada clareira e cada inseto a zumbir são sagrados na memória do meu povo. A seiva que corre através das árvores carrega as memórias do homem vermelho (...). Somos parte da terra e ela é parte de nós (...). Deste modo, quando o grande Chefe manda dizer que quer comprar nossa terra, ele pede muito de nós (...). Consideraremos sua oferta de comprar nossa terra. Mas não será fácil, pois esta terra é sagrada para nós" (p. 11, 13 e 15).

Em sua sabedoria, o Chefe Seattle dá conselhos ao homem branco, lembrando que deve ensinar às crianças que "os rios são nossos irmãos", que "a terra é nossa mãe". Assim, "tudo o que ocorrer com a terra ocorrerá aos filhos da terra. Se os homens desprezam o solo, estão desprezando a si mesmos (...). O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não teceu a trama da vida; ele é meramente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido fará a si mesmo" (p. 19, 35 e 39).

Nos dias de hoje, observa-se uma série de modismos envolvendo a questão ecológica, com partidos políticos e grupos de interesse das mais diversas tendências se organizando em torno dessa bandeira. Modismos e oportunismos à parte, creio que todos os cidadãos — principalmente os que vivem nos grandes centros urbanos — deveriam se ocupar no sentido de preservar os rios, os lagos, as praias, as florestas, os animais e as montanhas. Caso isso não ocorra, como nos lembra Seattle neste belo livro (em que texto, ilustrações e capa se integram com harmonia), "é o fim da vida e o início de uma subvida" (p. 45).

Afrânio Mendes Catani
Professor na Faculdade de Educação
da Universidade de São Paulo (USP).